



6. Maria

LUISA PONCE BRITO (a) "La Peten"  
Tendera de oficio. Delinque desde 1925.

26. Rosa II

GONZALEZ SILVA, EMILIA DEL CAR  
MEN: Foto No 5436, (a) "La Gungua"  
TENDERA. Filiación: 29 años, 1.67 estatura,  
cutis moreno claro, cabello castaño obscuro,  
ojos café obscuro.

25. Julio

ERCEDES ROMAN PINO, o Merce  
ojas Rojas, o Elena Williamson Neira,  
señal Rojas González o Mercedes Gonzá

RAQUEL MENDOZA PUGA  
"La Pucara" Tendera.

Marilsa Taffarel\*, Alice Paes de Barros Arruda\*,  
Ana Maria Vieira Rozensvaig\*, Ymara Vitolo\*,  
Maria da Penha Zabani Lanzoni\*,  
Mariangela Kamnitzer Bracco\*,  
Fernanda Colonese\*, Iliana Warchavchik\*

## Sobre o recalçamento originário (*Urverdrängung*): *Non liquet*\*\*

No verbete Recalçamento, no *Dicionário de Psicanálise* (Laplanche e Pontalis, 1976), é citada a conhecida frase de Freud do texto *História do movimento psicanalítico*: "A teoria do recalçamento é a pedra angular em que assenta todo o edifício da psicanálise" (p.555). O conceito de *Verdrängung*, que optamos traduzir por recalçamento<sup>1</sup>, teve seus desdobramentos ao longo da obra de Freud.

É natural que um pesquisador, no decorrer de seu trabalho, apure seus conceitos no sentido de uma melhor descrição dos objetos ou dos fenômenos estudados. O conceito de *Urverdrängung* (recalçamento originário) surgiu, então, como um pressuposto lógico e necessário no escoramento desse edifício teórico. Esse novo conceito, por sua vez, também sofreu reelaborações sob a pena de Freud. No entanto, tomaremos aqui como ponto de partida e de forma sucinta, o surgimento e o percurso do conceito de recalçamento originário

\* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

\*\*Expressão latina usada por Freud quando, em uma formulação, não conseguia alcançar uma versão definitiva de um conceito.

1. Em consonância com os tradutores Hanns, Zwick e Tavares.

dentro do pensamento freudiano. Cumprida essa etapa inicial, iremos realizar a “desconstrução” desse conceito, tendo como norte a proposição de Derrida para esse termo.

Em seu livro *Mal de arquivo: Uma impressão freudiana*, Derrida (1995/2001) diz “que o esforço de construção de um conceito deixa sempre uma região de impensado” (p. 44). Embora a desconstrução não se proponha como método, é uma forma de pensar o instituído como um tecido do qual se tenta desfazer a trama, descoser um tecido que tende sempre a se reconstituir. A desconstrução se volta decididamente para o que foi soterrado, o que foi estruturalmente recalçado (termo usado por Derrida), valorizando o que está para ser pensado. Esse olhar desconstruído deseja eliminar qualquer centramento, toda binariedade (tal como dentro/fora, falso/verdadeiro, corpo/mente, pulsão/representação) e toda síntese redutora de complexidades. Ao tratarmos do conceito de recalçamento originário estamos no âmbito do que Derrida chama de formação de arquivo.

Nesse artigo, iremos trabalhar sobre o que chamaremos de caráter heurístico do impensado e/ou recalçado do conceito de recalçamento originário. Certamente, trata-se de uma proposta que exigiu das autoras algumas decisões. A primeira delas foi apresentar o pensamento de Freud sobre o recalçamento originário tendo em vista não só as articulações conceituais necessárias, mas também focar as possíveis opacidades e incompletudes que essas articulações poderiam ter (algumas delas reconhecidas pelo próprio Freud). A segunda, e mais difícil decisão, foi escolher autores que refletiram de maneira profunda e criativa a respeito do recalçamento originário a partir de Freud. Optamos aqui pela reconstrução feita por J. Lacan e por J. Laplanche, recorrendo em nossa tentativa de desconstrução, aos questionamentos feitos a Lacan por Green e por Laplanche.

Antes de iniciar a empreitada faremos uma consideração a respeito do termo alemão *Urverdrängung*. É possível verificar que embora o leitor de psicanálise esteja familiarizado com o prefixo *Ur*, presente nos vocábulos *Urphantasie*, *Urszene*, traduzidos, respectivamente, como fantasia originária, cena originária ou primordial, deve-se levar em conta a observação de Luiz Hanns, no *Dicionário comentado do alemão*, sobre esse prefixo. Para Hanns, esse carrega certa solenidade mítica (Hanns, 1996). Ele considera também surpreendente seu emprego quando Freud tenta conceituar o recalçamento originário nos textos metapsicológicos e em *Inibição, sintoma e angústia* (Freud, 1926/2014). Não obstante, porque haveria uma solenidade mítica ao tratar desse conceito? Porque seria surpreendente seu emprego?

Vale lembrar que o prefixo *Ur* antecede tanto as palavras bisavô (*Urgrossvater*), quanto o termo bisneto (*Urgrossenkel*) reforçando a ideia de um patrimônio e de uma continuidade; igualmente antecede o vocábulo alemão *Urwald* (floresta virgem) e, nesse caso, nos remete à ideia de um sistema intocado, com uma vida pulsante. No entanto, isso não acontece na tradução desse prefixo para o português em originário ou primordial, e é por isso que destacamos essas considerações já que na passagem, de uma língua para outra, perdem-se as conotações presentes no idioma alemão.

A ideia de um originário indica que não se trata de um arquivo depositado e imóvel. Freud salienta que “é errado imaginar que o Ics permanece em repouso enquanto o trabalho psíquico é realizado pelo Pcs; que o Ics é algo acabado, um órgão rudimentar, um resíduo do desenvolvimento” (Freud, 1915/2010a, p.131). Então, podemos pensar esse prefixo como indicador de que o objeto do recalque originário se comporta como uma semente fecunda que brota continuamente, mas que se furta a um exame direto, que mantém o desconhecimento produtivo sobre o que engendra a germinação; um arquivo primeiro do qual conhecemos apenas os desdobramentos e que nos determina. Pensamento também presente na noção freudiana de: umbigo do sonho.

### Recalque originário (*Urverdrängung*) em Freud

Na introdução de *As pulsões e seus destinos*, de caráter epistemológico, Freud escreve que o progresso do conhecimento “não tolera definições rígidas”, embora encaminhe para uma maior clareza e eliminação das contradições (Freud, 1915/2010a). O conceito de recalque originário (*Urverdrängung*), concebido por Freud, sofreu algumas reelaborações ao longo de sua obra. Em *O caso Schreber* (Freud, 1911) ele é conceituado pela primeira vez. Logo depois, em 1915, nos artigos *O recalque* e *O inconsciente*, e, em 1926, em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud retrabalha esse conceito e, a nosso ver, vai progressivamente apontando para a abertura dele, para o que em outras ocasiões chamou de *non liquet*.

No *Vocabulário de psicanálise* (Laplanche e Pontalis, 1976) os autores escrevem que o recalçamento originário é descrito por Freud como um processo hipotético, como um primeiro momento da operação de recalçamento. Forma-se a partir dele o recalçado primário, um conjunto de representantes que exercerá uma atração sobre novos conteúdos a recalcar; e esses, por sua vez, sofrerão também a repulsão das instâncias superiores. Esse conceito, embora seja considerado obscuro em Freud, é indispensável para a teoria do recalçamento, pois segundo ele, duas forças devem convergir no recalçamento propriamente dito: a atração de um núcleo inconsciente e a ação do sistema pré-consciente. Já o conteúdo primário do inconsciente não é atraído por nenhuma outra formação.

É sob a forma de um pressuposto lógico, de um conceito que contém obscuridades, que recorre ao filogenético como o recalçado primário, que se serve da teoria das pulsões, da teoria econômica, da primeira e da segunda teoria tópica e que também obedece ao propósito de transpor para a teoria os resultados da observação clínica, que se coloca esse conceito.

Em 6 de dezembro de 1896, numa carta a Fliess, segundo o *Vocabulário de psicanálise*, “Freud já tem elaborada toda uma teoria da fixação”, compreendida como uma verdadeira inscrição (*Niederschrift*) de traços em séries de sistemas mnésicos, quer dizer, traços que podem ser traduzidos de um sistema para outro (Laplanche e Pontalis, 1976).

Vejamos essa carta (Masson, 1986):

Como você sabe, estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico tenha se formado por um processo de estratificação: o material presente sob a forma de traços mnêmicos fica sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo, de acordo com as novas circunstâncias a uma retranscrição e, quando falta uma transcrição posterior, a excitação é tratada de acordo com as leis psicológicas vigentes no período psíquico precedente e seguindo as vias abertas naquela época. Assim, persiste um anacronismo: numa determinada província, ainda vigoram os fueros; estamos na presença de “sobrevivências” [...]. Uma falha de tradução, eis o que se conhece clinicamente como recalçamento. O motivo disso é sempre a liberação do desprazer, que seria gerado por uma tradução; é como se esse desprazer provocasse um distúrbio do pensamento que não permitisse o trabalho de tradução.

Em 1911, em O caso Schreber, Freud irá, pela primeira vez, apresentar uma teoria do recalçamento primário que para ele se dá em três fases: a primeira delas é, precisamente, a fixação. Recorre ao conceito de fixação como a operação que precede e é condição para todo recalque. O fato da fixação pode ser enunciado da seguinte forma: “um instinto ou uma parte de um instinto não acompanha o desenvolvimento previsto como normal e, graças a essa inibição no desenvolvimento, permanece no estágio infantil. A corrente libidinal em questão se comporta, diante das formações psíquicas posteriores, como se fizesse parte do sistema do inconsciente, como reprimida” (Freud 1911/2010, p. 89). Freud se apoia aqui em um ponto de vista genético da fixação. A segunda fase trata do *recalque secundário* (*Verdrängung*) propriamente dito, enquanto a terceira fase trata de uma irrupção, do retorno do reprimido. “Essa irrupção ocorre a partir do ponto de fixação e consiste numa regressão do desenvolvimento da libido até esse ponto” (p. 90). Essa fase adentra no âmbito da patologia, é por isso que queremos destacar aqui a importância desse tempo e desse conceito para a clínica das psicoses. Voltaremos a isso adiante.

Além disso, no seu artigo “A repressão”, Freud (1915/2010a) distingue um recalçamento em sentido lato que compreende três momentos, e um recalçamento em sentido restrito que não passa do segundo momento precedente. O primeiro momento seria um recalçamento originário, que não incide na pulsão enquanto tal, mas sim nos seus sinais, nos seus “representantes”, que não tem acesso à consciência, e em que a pulsão se conserva fixada. Assim, encontra-se criado um primeiro núcleo inconsciente funcionando como polo de atração para os elementos a recalcar. Esses elementos representativos estão ligados ao recalçado primário, quer provenham dele quer entrem com ele em fortuita conexão.

Também em “A repressão”, Freud (1915/2010a) serve-se do princípio do prazer, cuja complexidade ele invoca desde sua experiência clínica, dizendo que uma satisfação pulsional pode gerar prazer em um lugar e desprazer em outro; “Então se torna condição para a repressão que o motivo do desprazer adquira um poder maior que o prazer de satisfação” (p. 85). Além do mais, escreve que a sua experiência com a análise das neuroses de transferência mostrou-lhe que “a repressão não é um mecanismo de defesa existente desde o início,

que não pode surgir antes que se produza uma nítida separação entre a atividade psíquica consciente e inconsciente, e que a sua essência consiste apenas em rejeitar e manter algo afastado da consciência” (p. 85). Freud postula que anteriormente à separação tópica (consciente/inconsciente) a tarefa da defesa frente a impulsos instintuais cabe a outros destinos da pulsão que não a repressão como: a reversão no contrário e voltar-se contra a própria pessoa.

Freud não articula nesse momento a relação entre os outros destinos da pulsão que não o recalçamento, com o recalçamento originário e o princípio do prazer, porém escreve: “Temos fundamentos, portanto, para supor uma repressão primordial, uma primeira fase da repressão que consiste no fato de ser negado ao representante psíquico da pulsão o acesso ao consciente. Com isso se produz uma fixação; a partir daí a representante em questão persiste inalterável, e o instinto permanece ligado a ela” (p. 85).

Em “O inconsciente”, no item IV, Topologia e dinâmica da repressão, Freud (1915/2010) retoma a tentativa da conceituação do *recalçamento primordial*. Temos aqui (no recalçamento primordial), necessidade, então, de outro processo que no primeiro caso sustente a recalçamento, e no segundo, cuide de sua produção e continuidade; e que só possa ser enxergado na suposição de um contrainvestimento, através do qual o sistema Pcs se proteja do assalto da ideia inconsciente. É ele que representa o gasto permanente de um recalçamento primordial, mas que também garante a permanência dele. O contrainvestimento é o único mecanismo do recalçamento primordial.

Já no item V, Freud escreve: “O âmago do Ics consiste de representantes instintuais (...) de impulsos de desejo” (p. 126). Nesse momento, o centro do conceito está na ideia de um contrainvestimento que impede aos desejos inconscientes acesso ao Pcs. Freud recorre ao ponto de vista econômico propriamente dito.

Em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud (1926/2014) escreve que no trabalho terapêutico nos deparamos, apenas, com casos de pós-recalçamento ou recalçamento propriamente dito. Esses “pressupõem recalçamentos primordiais sucedidos anteriormente, que exercem influência sobre a nova situação. Sabe-se ainda muito pouco sobre esse pano de fundo e esses estágios anteriores do recalçamento. Corre-se o risco de superestimar o papel do Super-eu no recalçamento. Por hora, não é possível dizer se a emergência do Super-eu marca o limite entre recalçamento primordial e pós-recalçamento. As primeiras irrupções de angústia – bastante intensas – ocorrem, de toda maneira, antes da diferenciação do Super-eu. É perfeitamente plausível que fatores quantitativos, como a intensidade muito grande de excitação e a ruptura da proteção contra estímulos, sejam as causas imediatas dos recalçamentos primordiais” (p. 24).

Nessa última tentativa de esclarecimento do conceito de *recalçamento originário*, Freud parece mais cauteloso ao dizer que conhece muito pouco sobre o que antecede ao recalçamento propriamente dito. Ele, por um lado, recorre ao conceito de Super-eu como uma possibilidade de dar uma figura para o contrainvestimento. No entanto, parece se sentir mais seguro com o uso da teoria econômica,



entenda-se, a intensidade do objeto do recalque originário e a consequente ruptura do para-excitações; conceito retomado por Laplanche com a ideia de objeto fonte de pulsão. Por outro lado, o recurso ao Super-eu, embora negado, será inspirador, entre outras coisas, para a leitura lacaniana do recalque originário.

Em *L'inconscient, une étude psychanalytique*, Laplanche e S. Leclaire (1961/1969) expõem a leitura lacaniana do recalque originário, e Laplanche já marca a diferença de sua concepção com a dada por Lacan; discutem inicialmente as duas hipóteses freudianas sobre o sentido do termo inconsciente apontando ali uma região obscura. O que é que ocorreu quando uma representação inconsciente se torna consciente? Trata-se de uma nova inscrição ou de uma mesma representação que sofreu uma mudança de estado?

A hipótese econômica de um investimento próprio a cada sistema, abordada por Freud (1915/2010) em *Topologia e dinâmica da repressão*, deixa de lado a teoria da dupla inscrição. Para os dois autores mencionados antes, na verdade, a hipótese econômica de uma energia típica de cada sistema não faz mais do que sustentar a distinção tópica. No entanto, essa hipótese apresenta dificuldades, sobretudo quanto ao investimento inconsciente. A representação (representante ideativo) objeto do recalque originário - para Freud investido libidinalmente - é impelida constantemente para a consciência e para a motilidade. Não obstante, Freud fala da energia de investimento como uma força de coesão própria do sistema inconsciente. Os autores colocam-se a questão, considerada essencial, de saber em que sentido trabalha o inconsciente: como força de coesão, mantendo as representações no sistema inconsciente ou como uma força em direção à consciência e à realização motora? Além disso, é importante lembrar que o conteúdo do recalque originário exerce uma força de atração sobre conteúdos pré-conscientes. Esses assinalam a obscuridade que reside na hipótese econômica entre energia de investimento e energia libidinal. A ideia de uma libido inconsciente e uma libido consciente contrariaria a teoria geral da libido.

André Green (1972), na sua obra *O inconsciente freudiano e a psicanálise francesa contemporânea*, faz a crítica do artigo de Laplanche e Leclaire. Green considera que, embora os autores discutam muito bem em seu trabalho a questão do predomínio do ponto de vista tópico e do ponto de vista econômico, no curso da evolução de seu pensamento abandonam por desconfiança, e mesmo por aversão, o ponto de vista econômico ao considerá-lo obscuro, ou colocando-o como dependente do ponto de vista tópico. Segundo Green, eles optam muito rapidamente pela hipótese tópica. E isso, escreve o autor, se deve à sua adesão à releitura feita por Lacan a partir da linguística moderna do inconsciente estruturado como uma linguagem. Na verdade, Green se insurge contra o que ele considera uma exclusividade dada aos jogos dos representantes ideativos.

Oscar Masotta, na introdução a *O inconsciente freudiano e a psicanálise francesa contemporânea* (Green, 1972), escreve que considera sensato o apelo do autor à fidelidade metapsicológica através da consideração das três perspectivas: a econômica, a dinâmica e a tópica. No entanto, acrescenta que vê nisso uma postura eclética que visaria dissolver a revolução lacaniana.

O que vem a ser a revolução lacaniana no que diz respeito ao recalque originário? Em Lacan o sistema da linguagem se torna responsável pela estruturação do psiquismo, e se coloca como condição de possibilidade de toda experiência social, inclusive conotando o afeto. O inconsciente se instaura a partir do registro de significantes fornecidos pela linguagem.

Para Lacan, o recalque originário tenta dar conta de um momento fundamental, estruturante do psiquismo da criança. Ela precisa se inserir no mundo simbólico perdendo a condição de objeto do desejo da mãe e passando à condição de sujeito identificado com a mãe que se ausenta; aquela que vai em direção ao seu desejo. Esse processo crucial é o que Lacan chama de *metaforização*, isto é, forma-se uma primeira metáfora pela substituição do significante do desejo da mãe (significante fálico), pelo significante *nome do pai*, símbolo primordial da lei de interdição. É, dessa maneira, que Lacan fala do Édipo, fundindo a função paterna com a linguística como um significante que na lei se instaura. Esse significante cumpre a função de recalque originário e sustentáculo da função simbólica, e permite ao sujeito não ser condenado a sofrimentos diversos por dessimbolização e, sobretudo, à psicose. Sabe-se que na psicose o sujeito não consegue, precisamente, fazer um uso metafórico da linguagem pela falta dessa primeira metaforização do desejo da mãe. Vemos esse cenário se repetir em todos nossos casos de análise de psicóticos: o psicótico permanece atado à mãe.

A observação que fez Freud do jogo com o carretel de seu netinho é um exemplo privilegiado desse processo. A criança com o carretel e com os fonemas ooo (Fort) ... aaa (Da) vai ganhando certo recuo da vivência, vai simbolizando a falta da mãe, com ajuda do grande mediador que é a linguagem: “Para Lacan, o surgimento da linguagem é indissociável do advento do sujeito, do inconsciente, e é através dele que se dá o recalque originário” (Jorge Coutinho, 2000, p. 91).

O ponto de vista econômico considera o que não pertence ao domínio das representações: o montante afetivo, o quantum de afeto, a parte energética da representação. Para Green, é nesse registro que Freud articula a pulsão e o campo da representação. Na verdade, lembra ele, o grande motor do recalque é impedir um afeto penoso que contrarie o princípio do prazer.

A questão parece ser: A verdade do sujeito pode se mostrar deixando de lado o afeto, a pulsão, ou deve ser considerado o afeto para chegar a ela?

Green, em sua leitura do significado da pulsão em Freud, chega a duas hipóteses: a primeira, é que a tensão pulsional daria origem à representação, “como se esta fosse dada à luz nesse trabalho”, neste caso, a “origem” da representação seria econômica; a segunda hipótese, as excitações pulsionais solicitam representações e as elegem. Caso em que a “origem” das representações deveria ser buscada em uma ordem simbólica, como equivalentes endopsíquicos, percepções, isto é, rastros fantasiosos (Green, 1975).

Quando Lacan é interrogado<sup>2</sup> sobre onde estaria o afeto, a energia psíquica e a pulsão em sua doutrina, ele respondeu que, exatamente, havia se ocupado todo o ano anterior do afeto da angústia.

Lacan não considera que a verdade de cada um possa aparecer nos afetos independentemente da cadeia de significantes. Os afetos não encerram neles mesmos uma verdade, eles enganam. Somente a angústia é para ele um afeto que não engana. Ela indica uma proximidade com o real, surgindo quando a cadeia de significantes que representa o sujeito está quebrada.

Nessa direção, poderíamos articular com Derrida e dizer que nessa leitura e reconceitualização feita por Lacan do recalçamento originário, está “recalcada” a teoria econômica? Poderíamos dizer que temos a subsistência de uma binariedade: pulsão/representação ou pulsão/significante, sucedânea da dualidade corpo/alma?

Lacan, no decurso de seu ensino, irá ultrapassar a disjunção corpo/significante através de uma investigação exaustiva e continua até o fim de sua obra sobre o corpo, a satisfação, o gozo, a pulsão, o sujeito e sua relação com a linguagem. De acordo com Miller (1998) surgirá outra concepção de significante, não mais como o que mortifica o corpo, e sim como o que determina o regime do gozo da linguagem, na medida em que o sujeito tiver corpo.

### Recalçamento originário em Laplanche

Como mencionamos acima, desde 1961 Laplanche marca duas direções em seu trabalho; de um lado, ele segue o caminho aberto por Lacan sobre o recalçamento originário como uma metáfora e, do outro, se diferencia deste em vários pontos: Para ele, o inconsciente não é determinado pela linguagem; ao contrário, ele é condição da linguagem.

Os significantes que compõem o núcleo do inconsciente são representações-coisa (*Sachvorstellung*), são coisificados; o que significa dizer que só remetem a eles mesmos. São significantes dessignificados, enigmáticos, prenes de pulsionalidade, sendo mesmo chamados por Laplanche de objetos fonte da pulsão.

O infans tem um papel ativo na formação do núcleo do inconsciente. Laplanche considera que Lacan e todas as fórmulas lacanianas (tais como “o inconsciente é o discurso do Outro” ou “a criança é o sintoma dos pais”) ignoram o trabalho da criança na metabolização ou tradução do que lhe é fornecido pelo ambiente humano. Para Laplanche a tradução é imaginativa, intelectual e afetiva, porém ela deixa restos que irão compor o núcleo do inconsciente.

Para formular essa hipótese da constituição do inconsciente, Laplanche parte do que ele denomina “situação antropológica fundamental”; isto é, a situação particular e empírica pensada também como da ordem do universal e estrutural. É uma situação dialógica simétrico-dissimétrica entre um adulto que possui um inconsciente sexual, e uma criança que ainda não constituiu um inconsciente. As

2. Jacques Lacan, em 1973, dá uma entrevista para a televisão estatal francesa; posteriormente foi editada sob o nome de *Télévision*.

mensagens/significantes emitidas pelos adultos são inevitavelmente comprometidas uma vez que o inconsciente sexual, perverso e polimorfo do adulto é reativado na relação com o infans. Esses significantes funcionariam como mensagens enigmáticas que não podem ser captadas integralmente, dado o seu caráter contraditório: amor/ódio, seio continente/seio excitado sexualmente etc.

Laplanche irá conceber o que é chamado de uma teoria tradutiva do recalçamento originário. Toda criança, na origem de sua inserção na cultura e na comunicação intersubjetiva com o adulto, ao ser confrontada com as mensagens/significantes comprometidos e obscuros que lhes são apresentados, fará a tentativa de traduzi-los. Para isso, seus códigos inatos ou adquiridos, são insuficientes. E irá, então, recorrer a esquemas fornecidos pelo seu ambiente. A tradução da mensagem será feita em dois tempos: num primeiro, a mensagem é implantada tal e qual, e num segundo tempo passa a agir como um corpo estranho que demanda integração. Essa tradução será sempre parcial deixando restos não traduzidos que constituirão os objetos fonte da pulsão.

Qual será o recalçado dessa concepção do recalçamento originário em Laplanche? Um dos pontos é a contradição existente na postulação de Laplanche que afirma a passividade do bebê diante do adulto, ao mesmo tempo em que concebe um recurso tradutivo do infans antes mesmo do surgimento da tópica psíquica; o que implicaria a existência de uma função egóica anterior à constituição do eu.

Tomando precisamente essas duas reconstruções do conceito de recalçamento originário por Lacan e por Laplanche, localizamos nessas áreas de recalçado/impensado. Contudo, há ainda outro ponto a ser retomado; nessas reconstruções ficou impensada a observação feita por Freud e que mencionamos acima, sobre as duas vicissitudes da pulsão: reversão no contrário e o voltar-se contra a própria pessoa. Como já foi dito, Freud faz notar que estes são processos anteriores ao recalçamento propriamente dito. Assinalamos que ele não faz qualquer articulação possível entre o recalçamento primário e os processos pulsionais. Tal coisa permaneceu como uma interrogação na reflexão psicanalítica: como se dá a interação bem precoce mãe/bebê e que efeitos constitutivos ela tem sobre o psiquismo infantil. Ambos os autores focados aqui continuaram suas investigações considerando esse interrogante, mas, no nosso caso, não nos propomos discorrer nesse artigo sobre tal investigação.

### Resumo

Esse artigo pretende pensar a construção do conceito de recalçamento originário (*Urverdrängung*) em Freud e sua reconstrução por J. Lacan e por J. Laplanche. Conceito fundamental que sustenta o recalçamento posterior considerado por Freud pedra angular da psicanálise, e imprescindível, por exemplo, para a clínica das psicoses. A reflexão se orienta por um olhar desconstrutivo tal como foi descrito por Derrida: um olhar que se volta para o que foi “recalcado”, ou o que está ainda impensado em um conceito. Visa, assim, eliminar todo centramento, toda oposição binária externo/interno, corpo/alma, toda síntese redutora. Conforme Derrida, em seu livro *Mal de arquivo: Uma*



*impressão freudiana* (1994/2001) Freud foi um autor que revolucionou o conceito de arquivo. Recalcamento, supressão, impressão são termos fundamentais nessa nova concepção de arquivamento. As autoras examinam em Lacan o conceito de recalcamento originário como metaforização do significante do desejo da mãe inscrito na criança, e interrogam-no a partir de Green. Estariam “recalcados” em Lacan: o afeto, a pulsão e a teoria econômica? Haveria ali binariedade pulsão/representação? As autoras examinam também a reconstrução feita por Laplanche desse conceito na perspectiva do impensado.

**Palavras-chave:** *Recalcamento originário, Recalcamento, Desconstrução.* **Candidata a palavra-chave:** *Arquivo.*

### Abstract

This paper discusses the Freudian concept of primal repression (Urvendrängung) as reconstructed by J. Lacan and J. Laplanche. This fundamental concept sustains secondary repression which Freud considered the foundation of psychoanalysis. It is also essential, for example, in dealing with psychoses. Our reflection is oriented by Derrida's deconstructive perspective, that looks for the repressed, or what-has-not-yet-been-thought in a concept. It intends to eliminate all centrality, every binary opposition (internal/external, body/soul), every reductionistic synthesis. Derrida in Archive Fever-- a Freudian Impression (1994/2001) considers Freud an author who revolutionizes the concept of the archive. Repression, suppression and impression are fundamental terms in this new conception of archivization. Lacan's concept of primal repression as metaphorizing the signifier of the mother's desire inscribed in the child, is also examined with A. Green's interrogations. Have the affects, the drives and the economic theory been repressed in Lacan's thinking? Does he propose a duality between drive and representation? Laplanche's reconstruction of this concept is also examined.

**Keywords:** *Primal repression, Repression, Deconstructive perspective.* **Candidate to keyword:** *Archive.*

### Referências

- Derrida, J. (1991). *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras.
- Derrida, J. (2001). *Mal de arquivo: Uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. (Trabalho original publicado em 1994).
- Dor, J. (1989). *Introdução à leitura de Lacan: O inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artmed.
- Dorgeuille, C. e Chemama, R. (1997). *Dicionário de psicanálise: Freud e Lacan*. Salvador: Ágalma.
- Freud, S. (2010a). *Ensaio de metapsicologia*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2010b). *O caso Schreber*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911).
- Freud, S. (2014). *Inibição, sintoma e angústia*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926).
- Green, A. (1975). *La concepción psicoanalítica del afecto*. México: Siglo XXI.
- Hanns, L. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Jorge, M. A. C. (2000). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1974). *Télévision*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1979). *O seminário de Jacques Lacan, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Laplanche J. (1981). *L'inconscient et le ça*. Paris: Presse Universitaire de France.
- Laplanche J. e Pontalis, J.-B. (1976). *Vocabulário de psicanálise*. Lisboa: Moraes.
- Laplanche, J. (1991). *L'interprétation entre déterminisme et herméneutique, une nouvelle position de la question*. Revue Française de Psychanalyse, 55.
- Laplanche, J. (1999). *Breve tratado do inconsciente*. Paris: PUF.
- Laplanche, J. (2003). *Três acepções da palavra inconsciente no quadro da teoria da sedução generalizada*. Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, 10(3).
- Laplanche, J., Leclair, S., Green, A. e Pontalis, J. -B. (1969). *El inconsciente freudiano y el psicoanálisis francés contemporáneo*. Buenos Aires: Nueva Visión. (Trabalho original publicado em 1961).
- Masson, J.M. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904 / tradução de Vera Ribeiro*. Rio de Janeiro: Imago.
- Miller, J. A. (1998). *O osso de uma análise – O inconsciente e o corpo falante*. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 93-104.
- Santiago, S. et al. (1976). *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.